

## O ESPORTE COMO FENÔMENO SOCIAL E A ANÁLISE CRÍTICA DO ESPORTE

\* REINER HILDEBRANDT

### 1. INTRODUÇÃO

Falar sobre o esporte como fenômeno social e fazer uma análise social crítica do esporte parece, num primeiro momento, um tema mais adequado para um sociólogo. Eu, porém, sou um pedagogo do esporte. Por outro lado, é perfeitamente possível uma abordagem deste tema porque o esporte é ensinado nas instituições educativas (através das aulas de Educação Física).

O conceito de esporte como assunto principal do ensino, frequentemente qualificado como conteúdo das aulas de Educação Física, determina precisamente, de forma indiscutível, o transcorrer dessas aulas. É, justamente, a utilização do esporte nas aulas de Educação Física (sem qualquer exercício de reflexão) que eu gostaria de questionar agora. E fazê-lo dentro de uma visão pedagógica do esporte.

Dentro de uma determinada concepção de esporte, seja na confecção de planos ou na própria realização de atos de movimento em processos de ensino-aprendizagem, quando não se quer seguir cegamente uma ideologia, temos que primeiramente descobrir e analisar as decisões prévias inerentes a este conceito. Este exercício determina a realidade do movimento, e quais as conseqüências que isso poderá acarretar para as experiências motoras e sociais dos participantes.

Isto posto, a estruturação deste ensaio está definida: duas questões serão colocadas e analisadas:

a) quais as decisões prévias que a aula de Educação Física recebe quando copia, irrefletidamente, o conceito de esporte?

b) para os participantes da aula, quais serão as conseqüências motoras e sociais que resultarão da adoção de uma cópia do conceito de esporte?

---

\* PROFESSOR DO INSTITUTO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, UNIVERSIDADE DE BRAUNSCHWEIG/RFA.

## 2. A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A CÓPIA IRREFLETIDA DO CONCEITO DE ESPORTE

Podemos iniciar analisando a determinação que o sistema do esporte exerce sobre a realidade. As formas do esporte (ginástica artística, jogos esportivos, atletismo, etc.) são fatos da realidade social e, em conseqüências, somente poderão existir na medida que os seres humanos compartilhem e aceitem o sentido destas formas. MAND-ELBAUM (1975) caracteriza o "social", neste tipo de fato, da seguinte forma: "Nenhum tipo de fato existiria se não houvessem indivíduos que pensassem e agissem desta forma específica". Isto é, deverá existir para os participantes, sempre, uma rede de concordância para possibilitar os ajustes produzidos por cada uma dessas formas.

Nós podemos dizer, também, que determinadas regras caracterizam, uma a uma, as formas do esporte e as diferenciam umas das outras em suas constituições típicas. Assim, podemos reconhecer rapidamente o tipo de jogo através da percepção das semelhanças estruturais das formas esportivas. Além dessas regras que constituem a respectiva disciplina do esporte, deverão existir regras de princípios superiores e gerais que são comuns ao esporte institucionalizado. Portanto, a questão deverá dirigir-se para as relações referentes as regras superiores e gerais que determinam o sistema do esporte e lhe atribui um sentido.

Quando denomino o esporte como um sistema, estou me reportando à teoria do sistema funcional-estrutural de LUHMANN. Torna-se necessário, aqui, esclarecer quais são as características fundamentais dessa teoria que apoia minhas colocações.

Segundo a teoria do sistema funcional-estrutural, o sistema social é entendido como uma conexão de ações sociais que se relacionam reciprocamente e que se diferenciam do ambiente das ações ao qual não pertencem (LUHMANN, 1970). A formação do sistema realiza-se, portanto, no sentido da construção e da conservação de uma diferença em relação ao ambiente. O problema básico é, no quadro dessa teoria, a disputa do sistema com o ambiente. Sendo o ambiente sempre mais complexo do que o sistema, o rendimento do sistema (formulado abstratamente) é a "redução da complexidade" (LUHMANN, 1971). A maneira de se efetivar esta redução da complexidade é dirigida atra-

vés do "sentido no sistema social". Isto significa que: a) a dife-  
renciação de outros âmbitos de ações acontece através da determina-  
ção de regras, normas e preferências que caracterizam o sistema; b)  
tudo que pertença a este sistema e que corresponda às normas, tem  
sentido, isto é, cumpre o sentido deste sistema; c) tudo o que não  
pertence a este sistema, portanto, tudo o que não lhe corresponde,  
não tem sentido.

Retornemos ao esporte, trazendo essas reflexões da teoria para  
este sistema esportivo.

O sistema do esporte dá uma resposta específica ao problema de  
movimento do ser humano. O mundo do ser humano é complexo e apre-  
senta vários níveis. As possibilidades de vivência de movimento dos  
seres humanos no seu mundo são, portanto, complexas e têm vários ní-  
veis. Entretanto, o sistema do esporte reduz estas complexas possi-  
bilidades de movimento.

Conforme foi colocado anteriormente, a forma de reduzir a com-  
plexidade é dirigida pelo sentido. Assim, nós precisamos perguntar  
agora: segundo qual sentido, segundo quais princípios são reduzidas  
no sistema do esporte a inimaginável complexidade das ações de movi-  
mento? Quais são as regras superiores (gerais) que o sistema do  
esporte segue e que tornam clara a lógica intrínseca desse sistema?

O sistema do esporte se caracteriza por duas regras básicas (que  
são as superiores) e por determinados princípios:

- 04 -a regra do sobrepujar (no sentido de vencer)
- a regra da comparação objetiva

A típica redução da complexidade que produz o sistema do espor-  
te, torna-se clara somente no inter-relacionamento destas duas re-  
gras. Para podermos comparar objetivamente os rendimentos, as con-  
dições sob as quais os rendimentos deverão ser conseguidos têm que  
ser padronizados. Isto torna-se claro através das seguintes ques-  
tões:

- a) da arquitetura dos locais esportivos (locais para jogo e mo-  
vimento; possibilidade para nadar em piscinas oficiais para competi-  
ção, etc.);
- b) das regras de cada modalidade de esporte (futebol, volibol,  
etc.);
- c) das regras motoras que determinam a realização do movimento.

Com a ajuda das duas regras básicas - a do sobrepujar e a da comparação objetiva - nós encontramos a pista do conceito de movimento do sistema do esporte no seu sentido para a problemática do movimento humano. O esporte institucionalizado favorece a função comparativa do movimento. No sentido do sistema, trata-se, principalmente, do aumento de rendimento do movimento humano. Todos os esforços são dirigidos ao objetivo de sobrepujar e chegar na frente (vencer) no sistema. Isto é válido tanto para os esforços para melhorar as condições esportivas (otimização dos locais e aparelhos), como para a elevação do rendimento dos próprios esportistas (empenho para adquirir conhecimentos a cerca do processo de treinamento e os esforços do próprio treinamento).

Para melhor exemplificar as conseqüências motoras e sociais que resultam da adoção dessa cópia do conceito de esporte, gostaria de analisar este sentido utilizando um exemplo concreto. Nossa análise dirige-se para o Atletismo como uma das modalidades do sistema do esporte.

### 3. UMA ANÁLISE DO SENTIDO DE UMA MODALIDADE DO SISTEMA DO ESPORTE: O ATLETISMO

Primeiramente, apresentarei as regras que regem o Atletismo. A seguir tentarei reconstruir seus princípios fundamentais, ou seja, a sua relação com as duas regras básicas. A partir da análise do sentido, descrever as conseqüências que isto acarreta para as experiências corporais e de movimento dos sujeitos.

No Atletismo, os movimentos de correr, arremessar e saltar são rigidamente predeterminados. Em primeiro lugar, os locais para a realização das provas são definidas através de regras:

a) Corridas: a distância a ser percorrida, a largura da pista, o nível horizontal do solo, a direção, o ponto de partida e linha de chegada, etc.;

b) Salto em distância: a corrida em linha reta sobre um solo horizontal, o ponto de impulsão sobre uma marca medida e fixa, a zona de aterrissagem no solo macio, etc.;

c) Lançamentos: a delimitação do local, a direção e o setor de lançamento, etc.

Embora os movimentos de corrida não sejam regulados na sua execução, existem regras motoras tanto para os movimentos de saltar quanto para os de lançar (limitantes da livre iniciativa de realização). Assim, também são determinadas as técnicas de realização do salto em altura e em distância com uma só perna e, nos lançamentos de dardo, os giros não são permitidos.

A ação de competir é determinada não só pelas regras de local e regras motoras, como também pela regra básica do sobrepujar. Sob as condições básicas de locais e as condições motoras predeterminadas, o correr, o saltar e o lançar significam percorrer uma distância o mais rápido possível; saltar o mais alto ou mais longe possível ou, ainda, lançar o mais longe possível. Desta forma, para o participante, o correr implica numa diminuição do tempo e, respectivamente, no saltar e no lançar, um aumento da distância (ou altura) a ser alcançada.

É difícil de explicar a relação entre a exatidão, com a qual o local de competição é definido, e a regra do sobrepujar. Ambas constituem a ação da competição quando o sistema do Atletismo não é decidido em conjunto, através de mais uma regra superior.

Correr, saltar e lançar um contra o outro (no sentido de competição) parece possível, também, sem a exigência formal de uma determinação exata do local. Somente torna-se compreensível a configuração típica do sistema do Atletismo quando a segunda regra básica é considerada: a regra da comparação objetiva. Esta regra tem que ser observada na sua relação com a regra do sobrepujar. A padronização dos locais e a exata fixação das formas de movimento são, então, urgentemente necessárias quando um rendimento deve ser comparado com outros rendimentos.

Para determinar uma igualdade nas condições de competição, garantindo medidas objetivas do rendimento, torna-se necessário utilizar locais com medidas exatas, construir instalações análogas para a competição e utilizar os mesmos métodos de verificação do rendimento.

As conseqüências resultantes da redução no sentido do sistema somente podem ser esclarecidas quando se analisa esta redução frente

ao cenário de sua elaboração. O princípio da comparação objetiva, que está ligado ao pensamento no sentido do recorde, exige que a definição do local e a sua utilização sejam inequívocas. Conseqüentemente, ficam excluídas desde o princípio as outras formas de se correr, saltar e lançar.

O que significa esta determinação do tema do Atletismo, em especial do Atletismo na Educação Física Escolar, para os participantes? Esta pergunta orienta e centra o interesse pedagógico para o próprio sujeito. Quais as interpretações do esporte e do movimento são oferecidas e qual compreensão do movimento é aqui promovida?

A tematização do correr, do saltar e do lançar, no sentido do sistema do Atletismo desportivo, compromete os participantes com os aspectos formais das experiências corporais e de movimento que o sistema orientado para a competição exige. A avaliação do rendimento na corrida, no salto e no lançamento se orientam pelos padrões objetivos (standarts) que são fixados pelos resultados em forma de listas (por exemplo: uma hierarquização dos resultados segundo os recordes mundiais, regionais ou categoria de participação relativa a faixa etária).

A avaliação acontece, por outro lado, pela aferição do rendimento com vistas à respectiva concorrência e a classificação conseguida. Se o rendimento é suficiente a nível do sistema ou não, os sujeitos obterão a experiência de como é ser "bem sucedido" ou "não ser bem sucedido". Assim, o "bom" corredor ou arremessador confirma perante si mesmo a sua capacidade de rendimento através do certificado e pela classificação exitosa; o "mau", denomina-se ou é denominado pelos outros de "fracassado". Desta forma, a orientação do Atletismo pelos critérios de rendimento quase objetivos traz conseqüências problemáticas para os sujeitos, especialmente para os que são declarados como fracos. Para estes, fica somente a possibilidade de retirar-se do sistema como incapazes de movimentar-se ou retornar ao processo de treinamento no qual eles podem reafirmar sua incapacidade para altos rendimentos. Por outro lado, eles poderão tentar satisfazer a si próprios através de progressos individuais de rendimento.

Participar do Atletismo, no sentido aqui descrito, significa para os sujeitos subordinar-se àquela avaliação de rendimento que traz

uma diferença social. As vivências de movimento dos sujeitos são orientadas, primeiramente, para o êxito a ser obtido. São caracterizadas, portanto, pelo sucesso ou pelo fracasso. Neste caso, a qualidade do movimento e a diversidade das experiências de movimento (que caracterizam o correr, o lançar e o saltar) são totalmente perdidas. Estas qualidades e diversidades dos movimentos de correr, saltar e lançar nós encontramos, por exemplo, tematizadas na escola austríaca de movimentos naturais.

A análise torna claro que a função comparativa do movimento é enfatizada no sistema do Atletismo. Isto corresponde à diferenciações inequívocas entre locais de movimento e locais de competição (que têm formas específicas). Isto quer dizer, portanto, que a necessidade de diversificação das experiências de movimento ficam reduzidas às normas de movimentos esportivos.

Esta análise de uma forma de esporte institucionalizado, realizada neste caso com o Atletismo, é um exemplo para o sistema desportivo. Com isto, suponho que outras modalidades do sistema do esporte são construídas, também, segundo o sistema do esporte aqui desenvolvido. Isto pode ser inferido porque os outros âmbitos do sistema desportivo seguem também as regras básicas do sobrepujar e a da comparação objetiva. Outras análises realizadas em diversas modalidades (ginástica, natação, futebol, etc.), locais, aparelhos e formas de movimento poderiam demonstrar que elas também estão submetidas às reduções típicas do sistema desportivo.

Entendemos que este tipo de redução não pode ser apoiado nas aulas de Educação Física, ou seja, o esporte não deve ser transportado desta forma para as aulas. Quando esta forma desportiva é dominante na aula (o que na realidade é feito), então, esta Educação Física necessita ser modificada. A Educação Física tem que abolir a redução da complexidade. Ela tem a tarefa de desenvolver a complexidade, isto é, tem a tarefa de possibilitar uma gama muito grande de experiências diversificadas de movimento.

Sei que muitos professores poderiam dizer que estas formas desportivas não acontecem nas aulas de Educação Física no Brasil. Entretanto, eu gostaria de demonstrar o contrário através da análise de uma aula de Educação Física observada por mim em Recife e mostrar como esta aula foi caracterizada por critérios desportivos.

4-  
6-0-0

#### 4. ANÁLISE DE UMA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Minhas observações foram feitas durante a aula de duas professoras de Educação Física que trabalhavam com suas crianças um jogo de estafeta. Esta forma de jogo, aos olhos de um adulto, é considerada como muito fácil. Portanto, não se tratou aqui de uma forma característica de esporte orientado ao alto nível, mas, sim, de um jogo orientado à concorrência que traz consigo elementos desportivos. Estes elementos desportivos eu gostaria de desenvolver para melhor esclarecer a afinidade existente entre o esporte e a aula de Educação Física. Primeiramente, tentarei descrever as características do jogo por mim observado:

- a) duas equipes com o mesmo número de participantes
- b) colocam-se em duas colunas.
- c) Os alunos recebem as instruções para o jogo:
- d) as bolas ficam na frente de cada grupo, sobre o solo;
- e) a partida é feita de trás de uma linha;
- f) um atrás do outro e um de cada vez
- g) devem atirar a bola no latão
- h) e depois de lançar, tenham êxito ou não,
- i) retornar para o lugar no fim da coluna.

As professoras tiveram grande dificuldade para organizar este jogo. Precisaram explicar mais de uma vez, com muito esforço, cada um dos elementos citados anteriormente (a-i) que instruíam as crianças para as tarefas a serem realizadas. O jogo só foi desenvolvido com fluência depois de várias tentativas. Eu tive a impressão de que as crianças não o aceitavam. Esta suposição foi fortalecida através da observação de um jogo que as crianças realizaram, mais tarde, sem a influência externa. Nesta ocasião, elas recorreram aos seus próprios jogos de rua.

Quais as dificuldades que as crianças tiveram para resolver as exigências do jogo observado?

Analisemos a situação observada. Era evidente que as crianças não estavam acostumadas com a divisão em dois grupos, com a disposição em duas colunas (a), e com a obrigação de permanecer organizadas, disciplinadamente, nesta posição. A organização em colunas es-

tá ligada a um jogo de estafeta, a uma divisão igual dos participantes. As duas colunas com igual tamanho, relacionam-se com o sentido de competição. Este sentido, primeiramente, não foi entendido. Somente ao final do jogo, quando o latão onde estavam as bolas foi esvaziado, com a contagem em voz alta de cada bola e a vitória de uma das equipes anunciada abertamente, então, produziu-se um sentimento de grupo que expressou-se claramente no júbilo dos vencedores e na tristeza dos perdedores.

A estruturação espacial do grupo em duas equipes opostas, cujos jogadores estavam dispostos um atrás do outro (b), foi a condição estabelecida para a realização, em particular, da ação de cada jogador. Por esta razão, este jogo não apresenta um rendimento social coletivo.

Para as crianças, as bolas receberam um valor simbólico que tornou visível o êxito de uma das equipes. As bolas significaram o sucesso do grupo através do bom rendimento obtido por cada jogador no seu lançamento.

Os critérios de igualdade de chances, que não foram entendidos desta forma pelos alunos, foram os seguintes:

- o mesmo número de jogadores;
- a igualdade de bolas e latões;
- a distância da meta de arremesso, delimitada através de uma linha (e).

Portanto, a estruturação espacial e social da situação do jogo, que foi assegurada pelo rendimento do grupo, foi produzida de forma individual e com chances iguais.

O jogo possui um fim. Finaliza quando todas as crianças fazem uma tentativa de arremesso. Este final é acentuado pela contagem do rendimento e pela proclamação dos vencedores.

Na decorrência temporal, na estruturação espacial e social da ação do jogo, tornam-se claros os seguintes critérios do comportamento desportivo:

- a ênfase no rendimento individual;
- a contagem e a medida do rendimento e sua comparação objetiva através do parâmetro do número;
- a situação de concorrência que é estabelecida pela disposi-

ção espacial;

- a redução das relações sociais pelo êxito, que é obtida somente com o rendimento parcial;

- a acentuação do ritual através da proclamação dos vencedores;

- a estruturação temporal do jogo com um início e um fim definidos.

Também este simples jogo de movimento transporta e transmite critérios típicos da vida industrial e do desporto. Torna-se claro que estes critérios de comportamento aparecem, também, no esporte de rendimento. Portanto, podemos afirmar: na escola, não somente as disciplinas desportivas, mas também os pequenos jogos, são configurados de acordo com o modelo de esporte institucionalizado.

##### 5. TRÊS TENDÊNCIAS QUE SÃO APOIADAS ATRAVÉS DO SISTEMA DO ESPORTE

Quais são as tendências que o sistema do esporte apoia? Perante os princípios fundamentais do sobrepujar e da comparação objetiva, o sistema do esporte parece apoiar especialmente o desenvolvimento de três tendências (compare com FRANKFURTER ARBEISTSGRUPPE, 1982, p. 61):

###### a) a tendência para seleção

O empenho para que sempre seja obtido um rendimento melhor, transporta o desenvolvimento para níveis de rendimento diferentes. Como não teria sentido comparar esportistas que apresentam níveis diferentes de rendimento, o esporte institucionalizado organiza-se em classes particulares de rendimento: a diferenciação segue, primeiramente, o nível de rendimento. Com isso, relaciona-se também a idade e o sexo.

###### b) a tendência para a especialização

Os padrões de rendimento no esporte de alto nível criam a necessidade de se concentrar todos os esforços em uma só prova esportiva. Desta forma, criam-se condições para que somente o progresso de rendimento seja conseguido.

A especialização torna-se clara na funcionalização do local de movimento e no inventário que são moldados para a disciplina esportiva. Torna-se clara, também, nos métodos de treinamento dos compe-

tiadores. Estes, são desenvolvidos nas diversas modalidades e provas desportivas de forma separada.

c) a tendência para a instrumentalização (compare SERGIO, 1982)

O esporte orientado para o alto rendimento corporal tem feito esforços para conseguir conhecimentos biológicos fundamentais com o objetivo de alcançar um aumento de rendimento na função do corpo. A Medicina e a Ciência do Treinamento Desportivo desenvolveram um grande arsenal de métodos de treinamento que prometem este êxito. O domínio técnico da natureza corporal, certamente, poderá conseguir melhores performances. Todos sabemos quais são os efeitos dos exercícios corporais no treinamento: indicar e controlar os parâmetros de carga (intensidade e volume) que são direcionados para o êxito.

O esportista, ao obter tais conhecimentos, aprende que um programa de treinamento serve para a elevação de sua capacidade de rendimento desportivo. A relação do esportista com seu próprio corpo é determinada por um esquema que apresenta objetivo e meio: a o investimento garante a capacidade de rendimento ótimo do corpo; b a próprio corpo é a ferramenta com a qual o objetivo de rendimento pode tomar seu rumo.

Estas três tendências apresentam elementos comuns: "Em todas as tendências se mostra uma separação do problema de movimento em relação ao contexto de vida diária dos seres humanos" (FRANKFURTER ARBEITSGRUPPE, 1982, p. 62). Ela torna-se clara através das seguintes constatações:

- na separação dos âmbitos de vida. O âmbito de moradia e de trabalho são direcionados para a minimização do movimento; o âmbito do esporte é direcionado para a maximização do movimento.

- na separação que ocorre na maneira como as pessoas resolvem seus problemas de movimento. De um lado as pessoas são "seres transportados" (FUNKE, 1979, p. 64), por outro lado, o esporte é a vontade de movimentar-se por si mesmo;

- na separação dos grupos sociais em grupos diários e grupos específicos no esporte (separação das gerações jovens e velhas, separação entre pessoas normais e deficientes, capazes e incapazes, homem e mulher, etc.).

A análise torna claro que a Pedagogia do Esporte necessita tomar

uma decisão normativa: apoiar ou contrariar estas tendências. Quando a Pedagogia do Esporte decide-se pelo conceito de esporte como um movimento para a Educação Física Escolar, então, está sendo direcionada para se transformar numa agência que apoia uma internalização do esporte para as novas gerações. Mas, quando ela se entende como uma instância crítica que reflete sobre as conseqüências das normas que são predeterminadas pelo sistema do esporte, deverá desenvolver um programa totalmente diferente. Tem que apoiar-se num programa que discuta criticamente o conceito de esporte e abrir a restrição do significado comparativo de movimento para outros significados.

A aula de Educação Física, quando desejamos um desenvolvimento plurilateral para nossas crianças, tem a tarefa de agir contra a redução da complexidade do sistema do esporte.

A seguir apresentaremos um resumo de todas as colocações que fizemos e que poderão servir como orientação para a utilização da aula de Educação Física como uma instância crítica.

#### 6. O SISTEMA DO ESPORTE x A CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA CRÍTICA: suas conseqüências

Ao analisarmos o sentido do sistema do esporte, obtivemos um resultado que pode ser resumido da seguinte forma:

o sentido do esporte é : **sobrepujar** e **comparação objetiva**. Estes dois princípios gerais levam para uma normatização e para uma padronização dos movimentos, dos espaços, dos aparelhos e para uma acentuação da função comparativa do movimento.

Por seu lado, uma concepção pedagógica que reflita criticamente sobre este conceito de esporte tem que figurar na aula de Educação Física de maneira que os alunos tenham possibilidade de entender o esporte e mudá-lo de acordo com os seus interesses, suas necessidades e seu próprio modo de vida. A tarefa desta concepção crítica é a ampliação do significado do movimento para significados mais expressivos, mais comunicativos, mais explorativos e mais produtivos.

Estas duas visões antagônicas do conceito de esporte acarretam conseqüências diversas para a aula de Educação Física (Quadro 1), tais como:

Quadro 1 - Conseqüências do conceito do esporte e conseqüências de uma concepção crítica da Pedagogia

CONSEQÜÊNCIAS	
DO CONCEITO DO ESPORTE	DE UMA CONCEPÇÃO CRÍTICA
- separação de outros âmbitos de vida (moradia, escola, local de trabalho, etc.);	- orientação para o modo de vida (vida diária) dos alunos, possibilitando a descoberta e a configuração do ambiente onde eles moram e do ambiente da escola como ambientes de movimento ativo;
- separação em espaços de movimento específicos (ginásio, estádio, piscina de competição);	
- separação da aula de Educação Física das outras matérias escolares;	- a aula de Educação Física deve ser relacionada com as outras matérias: aprendizagem interdisciplinar;
- diferenciação das modalidades esportivas (especialização dos esportistas);	- utilização de temas totais nas aulas de Educação Física (por exemplo: embalar e balançar, homem e água, equilibrar, jogar futebol, etc.);
- seleção por idade e sexo;	- aulas coeducativas; conseguir conciliar grupos de idades diferentes;
- diferenciação social entre pessoas capazes e incapazes;	- oferta de movimentos variados e com vários significados;
- desmembramento do processo de ensino e treinamento;	- configuração de oportunidades de aprendizagem (realizar experiências de movimento);
- instrumentalização do corpo.	- ativação de experiências do corpo e dos sentidos.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 FRANKFURTER ARBEITSGRUPPE. *Offner Sportunterricht analysieren und planen*. Rowolht, 1982.
- 2 FUNKE, J. *Curriculumrevision im Schulsport*. Ahrensburg, 1979.

- 3 LUHMANN, N. Soziologie als Theorie sozialer Systeme. IN: LUHMANN, N. Soziologische Aufklärung 1. Aufsätze zur Theorie sozialer Systeme. Opladen, 1970.
- 4 \_\_\_\_\_. Sinn Grundbegriff der Soziologie. IN: HABERMAS, J. & LUHMANN, N. Theorie der Gesellschaft der Sozialtechnologie - Was leistet Systemforschung? Frankfurt/M., 1971.
- 5 MANDELBAUM, M. Gesellschaftliche Tatsachen (Social Facts). IN: RITSERT, J. (Hrsg). Gründe und Ursachen gesellschaftlichen Handelns. Frankfurt/M., 1971.
- 6 SERGIO, M. A prática e a Educação Física. Lisboa, Compendium, 1982.

Recebido para publicação em: 7/10/87.

**KINESIS**

**UMA LEITURA  
INTELIGENTE!**